



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

MICHELE ALVES DA SILVA ALVES

**UM ESTUDO DA DIALOGICIDADE COMO ESSÊNCIA
DA PEDAGOGIA LIBERTADORA E SEUS EMBATES NA
PRÁTICA EDUCATIVA DA ESCOLA MUNICIPAL DO
PAU MIÚDO**

Salvador
2013

MICHELE ALVES DA SILVA ALVES

**UM ESTUDO DA DIALOGICIDADE COMO ESSÊNCIA
DA PEDAGOGIA LIBERTADORA E SEUS EMBATES NA
PRÁTICA EDUCATIVA DA ESCOLA MUNICIPAL DO
PAU MIÚDO**

Monografia apresentada ao Colegiado do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade como requisito para obtenção do grau de Licenciada em pedagogia.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Sandra Marinho Siqueira.

Salvador
2013

MICHELE ALVES DA SILVA ALVES

**UM ESTUDO DA DIALOGICIDADE COMO ESSÊNCIA
DA PEDAGOGIA LIBERTADORA E SEUS EMBATES NA
PRÁTICA EDUCATIVA DA ESCOLA MUNICIPAL DO
PAU MIÚDO**

Monografia apresentada ao colegiado do Curso de pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em ____ de abril de 2013

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Orientadora

Membro da Banca

Membro da Banca

RESUMO

Esse estudo monográfico responde à questão: “Quais as contribuições da dialogicidade, na esteira da pedagogia libertadora, e quais seus embates na prática educativa escolar?” na perspectiva de uma graduanda do curso de pedagogia que se encontra em finalização desse processo. Para desenvolver a pesquisa utilizamos um levantamento bibliográfico e também dispomos de um estudo de caso. Buscamos a referência de Paulo Freire, cujas teorias se apresentam como fundamento desse trabalho e outros autores que compartilham do seu pensamento como: Moacir Gadotti, Georges Snyders, Júlio Groppa e outros pesquisadores que contribuíram de forma significativa para a discussão desse trabalho. Nesse sentido esta investigação considera que a prática educativa das escolas públicas Contemporâneas ainda preserva a ideologia de uma educação tradicional, além de disporem de recursos e instrumentos associados a uma prática educacional bancária, os quais se apresentam como fortes embates a dialogicidade, como essência da pedagogia libertadora, no processo de ensino aprendizagem das escolas atuais.

Palavras - chave: dialogicidade. Pedagogia Libertadora. Prática educativa escolar. Educação bancária.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1 A DIALOGICIDADE NA PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA LIBERTADORA	
11	
1.1 UM BREVE HISTÓRICO DA PEDAGOGIA LIBERTADORA.....	11
1.2 O QUE É DIALOGICIDADE NA ESTEIRA DE FREIRE.....	18
2 ANÁLISE DA RELAÇÃO EDUCADOR – EDUCANDO NA ESCOLA	
PESQUISADA – UM DEBATE SOBRE A CONCEPÇÃO BANCÁRIA DA	
EDUCAÇÃO NOS DIAS ATUAIS.....	21
3 CONCEPÇÃO DOS PROFESSORES, DA ESCOLA PESQUISADA, SOBRE A	
DIALOGICIDADE NA PRÁTICA EDUCATIVA DA ESCOLA PÚBLICA.....	29
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS.....	41
ANEXOS.....	43

INTRODUÇÃO

O pensamento de uma educação voltada para os princípios da autonomia e liberdade, fomentado pelo educador Paulo Freire, ganhou forças no final da década de 50 do século XX, quando o Brasil ainda consolidava o seu processo industrial. Apesar de o país vivenciar um período de desenvolvimento, este apresentava um retrocesso no seu sistema educacional, visto que, no final de século XIX os países desenvolvidos já tinham vencido a barreira do analfabetismo, o qual ainda representava um problema para o Brasil em meados do século XX. Além disso, esses países conseguiram alcançar um grande feito que foi a universalização, em termos formais, da educação básica.

Na década de 1950, começaram a surgir os movimentos e os manifestos a favor da educação, do qual alguns educadores receberam destaque como é o caso do educador Anísio Teixeira e Aloísio de Azevedo. É importante ressaltar que eles também foram os precursores do Movimento dos Pioneiros da Escola Nova, que tinha por finalidade uma educação obrigatória, gratuita e laica, com novos métodos de ensino diante dos tradicionais. Mas foi no final da década em questão, que o pensamento e os princípios de uma prática educativa libertadora ganha visualização, através do trabalho de Paulo Freire com a alfabetização de jovens e adultos, sendo assim o autor consegue reconhecimento no Brasil e depois de alguns anos é revelado para o mundo.

O educador Paulo Freire ficou conhecido por sua maneira singular de alfabetizar, pois, além de ensinar a ler e a escrever, ele orientava seus educandos, através de uma relação dialógica a fazer uma leitura do mundo. Sendo assim auxiliava aos indivíduos a compreender as suas relações e a se perceber como um sujeito histórico, estimulando assim a formação de uma consciência crítica pelos indivíduos. Sendo esta possibilitada somente pelo diálogo, o qual Freire (1978) declara ser um encontro dos homens para a pronúncia do mundo, sendo considerado um ato de criação e não instrumento de dominação de um sujeito para com o outro.

Freire (1996) também defendia que o ato de educar é um ato político e por isso pregava que nenhuma educação é neutra, portanto, nenhum educador deveria se isentar da responsabilidade de educar criticamente os seus educandos, estimulando-os a desenvolver uma curiosidade crítica, insatisfeita e indócil, que de acordo com o autor referido seria a tarefa precípua de um educador progressista.

Seus princípios deram origem à pedagogia libertadora, que tinha por objetivo superar a relação de superioridade entre educador e educando, representado pelo modelo

bancário, no qual somente uma parte doa, deposita, enquanto do outro lado, uma parte recebe. É necessário compreender que essa relação bancária desvaloriza o conhecimento do sujeito aprendiz, inibindo sua capacidade criadora e tornando – o objeto do processo histórico. Sendo assim o educando não consegue se libertar das suas amarras sociais e acaba preso às suas condições presentes.

Apesar de a pedagogia libertadora ter atravessado muitas décadas, ela ainda não conseguiu romper as bases da educação tradicional, a qual predomina nas escolas públicas. Muito se fala da pedagogia de Paulo Freire nas Academias, porém os seus princípios e valores, quando trabalhados na Universidade não ultrapassam os seus muros. É até interessante se observar, como a forma que estudamos, aprendemos e fomos educados a vida inteira na escola se contradiz em alguns momentos com o que vivenciamos na Academia.

Em um momento em que a educação se apresenta como um fator importante para a compreensão dos problemas sociais e conseqüentemente para a intervenção urge que o processo de ensino aprendizagem seja capaz de formar cidadãos críticos, que se reconheçam como autor e ator da sua própria história e por isso agente transformador da sua realidade. Portanto, será difícil alcançar esse objetivo longe da relação dialógica, na qual educandos e educadores, através da troca de experiências, aprendem, constroem e se transformam.

Sabe – se que a escola pública dos dias atuais, como um espaço de contradições, apresenta grandes conflitos na sua prática pedagógica que se explica na preservação da ideologia da classe dominante em contrapartida com o objetivo de formar criticamente os indivíduos pertencentes à classe oprimida, logo é necessário se desenvolver um processo pedagógico que seja capaz de confrontar essas relações, contribuindo assim para a construção da autonomia pelo indivíduo. Porém para que esse processo seja viabilizado não possui outro caminho a não ser o diálogo. Daí então a problemática que se apresenta como questão central desse trabalho: Quais as contribuições da dialogicidade, na esteira da pedagogia libertadora, e seus embates na prática educativa escolar?

Diante do problema apresentado o referido trabalho terá como objetivo específico: discutir o conceito de dialogicidade na perspectiva de uma pedagogia libertadora; observar a relação educador educando no contexto da sala de aula em uma escola pública municipal, considerando o pressuposto teórico da dialogicidade; analisar, através da fala dos professores, seu conhecimento e seus desafios em relação ao tema

em questão e por fim apresentar as respostas obtidas no trabalho a partir do estudo e da análise do objeto.

A pesquisa foi desenvolvida mediante uma abordagem qualitativa, com uma base de caráter bibliográfico e estudo de caso elaborada, portanto a partir de materiais já publicados como livros, artigos periódicos e dissertações e a partir de entrevistas com pessoas que já tiveram experiências práticas com o problema pesquisado.

O método da pesquisa bibliográfica foi escolhido para a realização desse trabalho considerando a significativa produção já existente na área, bem como pelo reconhecimento das vantagens oferecidas pelo mesmo. Esse tipo de pesquisa além de possibilitar ao pesquisador uma maior aproximação do campo de investigação, oferece subsídios que permitem alcançar os objetivos pretendidos.

Já o estudo de caso se deu pela necessidade de compreensão e exploração de um objeto de estudo complexo, o qual envolve simultaneamente vários fatores, sendo este procedimento de pesquisa o mais adequado para estudos na área de educação.

Considerando isto, o estudo de caso se deu na Escola Municipal do pau Miúdo, a qual fica localizada na Rua 20 de agosto. s/n , bairro Pau Miúdo. A instituição faz parte da Rede Municipal de Salvador. O bairro no qual está situada a escola é um bairro periférico do município referido, considerado um local violento e também marcado pelo tráfico de drogas, sendo assim a escola acolherá indivíduos que convivem dia a dia com essas turbulências, os quais mesmo de forma inconsciente, irão apresentar reflexos desses processos na prática educativa.

Em vista a viabilização do objetivo dessa pesquisa, foi necessário estruturar esse trabalho em três capítulos, dando enfoque a três pontos importantes para a discussão. Sendo assim no primeiro capítulo será apresentado o conceito de dialogicidade na perspectiva de uma pedagogia libertadora, cujo conceito ultrapassa os significados superficiais apresentando assim um novo sentido, este carregado de valores importantes para a libertação e humanização do indivíduo.

O segundo capítulo estará centrado na análise da relação educador educando na sala de aula buscando encontrar no processo pedagógico, resquícios ou pistas que nos remetessem a uma concepção bancária da educação, portanto o capítulo apresenta a definição de uma educação bancária, sempre fundamentada na pedagogia de Freire, além de ter como objetivo de denunciar a sua prática nos dias atuais.

Já no terceiro capítulo buscamos encontrar respaldo dessa análise na práxis pedagógica das educadoras da escola pesquisada, para isso foi necessário se construir um

questionário, onde a partir das respostas das pedagogas pudéssemos encontrar os desafios que se impõem a dialogicidade, como essência da pedagogia libertadora, na prática educativa Contemporânea.

Além dos aspectos estruturais e metodológicos de pesquisa acima apresentados, percebi a importância de escrever as minhas motivações para a escolha do meu objeto de estudo. Portanto a escolha do meu objeto de pesquisa se deu a partir da minha aproximação com o tema da pedagogia libertadora, que se iniciou no primeiro semestre do curso de pedagogia quando fui apresentada às teorias do autor Paulo Freire, pelo professor da Faculdade de Educação, Miguel Bordas que demonstrou profunda admiração pelo autor, lembro que somente nesse semestre tive contato com todo almanaque de Paulo Freire.

Recordo – me também de um vídeo que influenciou muito o meu pensamento sobre a educação, mostrado na disciplina, o qual ele trazia uma condição essencial para ser educador que é amar a vida, o mundo e as pessoas. Essas palavras me fizeram refletir sobre a essência da palavra educadora, ou seja, eu não posso dar o que não tenho, pois se vou apresentar o mundo ao educando eu devo não só conhecê-lo, mas senti-lo e amá-lo. Ainda que não seja o mundo que desejo, eu preciso compreender que somente o amor a ele nos torna capaz de transformá-lo.

Além dessa paixão por educar, o autor Paulo Freire me fascinava com seu discurso de Educação como Prática da Liberdade, cuja expressão usada é um título de uma das suas obras. A sua fala correspondia as minhas inquietações, aos meus desejos e através do autor pude também refletir que educar é um ato essencialmente político, portanto, percebi que nenhuma prática pedagógica pode ser considerada neutra. Isso quer dizer que cada educador mesmo sem assumir conscientemente suas concepções ideo-política é uma ser político, apresenta uma postura e uma concepção de mundo que influenciará na sua prática docente.

Considerando isto, é indispensável que o educador possua uma consciência crítica, compreenda bem as leis de desenvolvimento da sociedade que está inserido, ou se não, correrá o risco de se reproduzir uma consciência ingênua, o que torna o sujeito alienado e incapaz de agir dentro de sua realidade. Perpetuando dessa forma uma sociedade cada vez mais passiva, injusta e desigual.

Assim como o autor, acredito em uma educação em que a essência seja o diálogo, onde educando e educadores possam trocar as suas experiências e através delas construir um novo conhecimento. Não posso aceitar que o objetivo da educação seja

apenas reprodução, mas, a formação do indivíduo como agente transformador da realidade. Todavia para que isso se efetive, é necessário que o educando se compreenda como um sujeito ativo, capaz de criar, recriar e decidir, construindo sua própria história. Além disso, é necessário suscitar no indivíduo o seu poder criador e este só é possível quando é permitido ao indivíduo conquistar a sua liberdade. Liberdade para falar das suas necessidades, das suas limitações, dos seus sonhos, enfim, liberdade para dialogar.

È importante compreender que a consciência crítica emerge do diálogo. Quando apresentados os desafios da realidade se busca encontrar respostas para resolvê-lo. Aí então nos esbarramos com certos questionamentos que nos levam a pensar de forma autêntica, então os nossos olhos se abrem e podemos analisar com coerência e racionalidade as situações concretas.

Portanto, considero o estudo monográfico aqui apresentado de grande relevância para a minha formação acadêmica e para o social já que ao estudar o tema escolhido, além de poder fazer uma rica reflexão sobre a importância do diálogo na prática educativa e seus embates nas escolas Contemporâneas, o trabalho contribuirá para outros estudos o que possibilitará a criação de novas alternativas e meios para vencer os problemas que se contrapõem a dialogicidade na prática educativa dos dias atuais.

Acredito que a prática docente só pode ser modificada através da ação, reflexão, ação e para isso é necessário uma nova forma de pensar, a qual não é gerada espontaneamente, mas a partir do conhecimento e da experiência de uma nova concepção de educar. Por isso o que desejo aqui é refletir sobre as possibilidades de uma nova educação baseada nos valores, na humildade, na experiência, enfim na vida e para isso não existe caminho mais excelente que o diálogo.

1 A DIALOGICIDADE NA PERSPECTIVA DA PEDAGOGIA LIBERTADORA

A pedagogia libertadora, postulada pelo educador Paulo Freire, apresenta a categoria da dialogicidade como essência da educação como prática da liberdade. Sendo esta considerada como um esforço para o desenvolvimento de uma consciência crítica pelo sujeito aprendiz, alterando assim a sua percepção de si mesmo, o qual deixa de se perceber como objeto e passa a se perceber como sujeito do seu processo histórico. Para melhor se compreender a dialogicidade como categoria de uma educação libertadora, dividimos o capítulo em duas partes: a história da pedagogia de Paulo Freire e o conceito de dialogicidade na perspectiva dessa pedagogia.

1.1 BREVE HISTÓRICO DA PEDAGOGIA LIBERTADORA

A pedagogia libertadora surgiu a partir dos pressupostos teóricos do educador Paulo Freire, o qual ficou conhecido na história da pedagogia mundial por ser fomentador de uma prática educativa que dialoga com as experiências dos educandos e também se destacou no âmbito educacional por suas duras críticas ao modelo de educação tradicional, o qual denominou como educação bancária.

Freire começou o seu trabalho nas favelas do Recife e com pouco tempo ganhou destaque no país, através do Plano Nacional de Educação implementado pelo governo de João Goulart, em 1961. Após o golpe militar o educador é exilado e mesmo em exílio no Chile publica no Brasil uma das suas principais obras: Educação como Prática da Liberdade. O autor retorna ao Brasil em 1979, e em pouco tempo se torna secretário de Educação do estado de São Paulo no governo de Luísa Erundina. Seu principal feito na Secretaria foi à criação do Movimento de alfabetização, que se dedicava ao trabalho na educação de jovens e adultos, essa atitude seria mais tarde um exemplo para outros governos.

Para Freire aqueles indivíduos tinham anulado em si a sua vocação ontológica de ser mais e assumiram a condição de objeto, portanto, o seu objetivo era construir uma prática educativa que fosse capaz de fazer com que os indivíduos resgassem a sua dignidade e se percebessem como sujeitos de sua própria história.

A pedagogia libertadora ganhará força nos final da década de 1950, em que se dá propriamente o desenvolvimento industrial no país. Nesse período o Brasil inicia sua fase de progresso econômico e presencia grandes transformações em seus aspectos

políticos e sociais. Primeiramente o país sofrerá um êxodo rural que significa a mudança de grande parte da população do campo para os centros urbanos em busca de trabalho e melhores condições de vida. Segundo fator importante para as transformações sociais é a chegada dos meios de comunicação, principalmente da televisão que possibilitará a disseminação de idéias e valores dos países capitalistas industrializados, provocando uma mudança no comportamento do povo brasileiro, particularmente dos centros urbanos, que abandonará o estilo simples de vida e adotará um estilo consumista.

A década de 1950 foi marcada por dois governos que foram fundamentais para o progresso do país: o governo de Getúlio Vargas e de Juscelino Kubitschek. Getúlio Vargas (1951-1954) durante o seu mandato investiu na instalação de indústrias nacionais, enquanto Juscelino (1956-1961) no seu plano de governo abriu as portas para o capital estrangeiro, o que viabilizou o projeto de infra-estrutura do país: rodovias, hidroelétricas, aeroportos etc.

Diante de tantas mudanças a sociedade se encontrava dividida entre a chegada do novo e a preservação dos velhos conceitos, enfim a sociedade se encontrava em um momento de transição, momento ideal para que educadores como alguns representantes da escola nova disseminasse um novo modelo de educação. Esse momento vivido pelo povo brasileiro no final da década referida no parágrafo acima, vai ser denominado pelo autor Paulo Freire como um tempo de trânsito, onde a sociedade inicia um rápido processo de transformação em seu âmbito político social e econômico.

De acordo com o fato descrito acima, não cabia mais ao educador do tempo de trânsito, ministrar o seu conhecimento específico, sem que o mesmo estivesse ligado ao momento histórico que a sociedade se encontrava. Sendo assim temas considerados velhos e inquestionáveis dentro de uma sociedade fechada começavam a ser questionados, pois as suas respostas não cabiam mais dentro da época de mudança. Temas como educação, autoridade, propriedade, liberdade, participação popular e outros começavam a se ressignificar dentro da sociedade aberta que aos poucos se configurava.

As grandes mudanças ocorridas na sociedade brasileira, além de representar para os educadores uma oportunidade para a classe popular se libertar da opressão da classe dominante, ela também representava um grande risco, pois se não fosse vista com o olhar crítico poderia resultar em uma massificação, ou seja, mais uma vez a sociedade seria manobrada por interesses alheios. Para melhor compreender essa questão é só

pensar que o país estava consolidando o seu desenvolvimento industrial, época que a sociedade começa a consumir em larga escala, porém não só produto à sociedade começava também a consumir idéias e valores de sociedades consideradas superiores à sua.

Nesse sentido o educador Paulo Freire percebe a educação como uma arma para aquela nova configuração de sociedade, a qual insatisfeita com as suas condições presentes deveria aproveitar aquele momento para se revoltar contra a sua situação de exploração e opressão e começar a lutar por uma vida digna. Diante disso o autor supracitado considerava que aqueles indivíduos só poderiam alcançar a sua libertação e mudar sua condição se conseguissem desenvolver uma consciência crítica, a qual segundo Freire, deveria ser objetivo principal da educação daquele período de transição.

Freire (1967) chama atenção para a passagem da consciência transitiva ingênua para uma consciência transitiva crítica. O autor declarava como consciência ingênua, a forma de como a classe popular compreendia os fatos e os problemas da sua sociedade. Sua compreensão baseava-se em misticismo ou soluções mágicas, carregada de irracionalismos que levavam os indivíduos a um retrocesso no seu processo histórico. Portanto, para o educador somente a consciência crítica transitiva poderia fazer o indivíduo rejeitar aquelas explicações místicas e começar a questionar sobre fatos concretos da realidade, assumindo assim uma responsabilidade com a sociedade em que vive.

O pensamento de uma educação como prática da liberdade representava novos desafios. Isto significava dizer que: o processo educativo não poderia mais acontecer de forma alienante, isto é distante do cotidiano dos indivíduos. Portanto a educação que dominava naquela época, a qual o educador irá denominar como educação bancária não poderia se estabelecer. Essa deveria abrir espaço para uma educação próxima da vida dos indivíduos, os quais deveriam ser parte desse processo, atuando na construção do seu conhecimento.

Uma educação que partisse do povo e para o povo não poderia desprezar as vivências e nem o senso comum, não poderia colocar a massa popular em um lugar de ignorância e considerar os seus educadores como única fonte de luz (razão). Logo seria uma educação da sensibilidade onde se valoriza o saber prático como conhecimento e as experiências dos educandos como conteúdos válidos para o processo de ensino aprendizagem. Por fim uma educação que trouxesse esperança para aqueles indivíduos oprimidos, desvalorizados e desiludidos com sua situação.

E os esquemas e as “receitas” antes simplesmente importados, passam a ser Substituídos por projetos, planos, resultantes de estudos sérios e profundos da realidade. E a sociedade passa assim, aos poucos a se conhecer a si mesma. Renuncia à velha postura de objeto e vai assumindo a de sujeito. Por isso, a desesperança e o pessimismo anteriores, em torno do seu presente e de seu futuro, como também aquele otimismo ingênuo, se substituem por otimismo crítico. Por esperança repita-se. (FREIRE, 1967. p.53)

Para o autor anteriormente citado a passagem do otimismo ingênuo para o otimismo crítico se daria no abandono das soluções transplantadas de outra realidade sem o cuidado de adequá-las ao contexto vivido. A sociedade brasileira vivia fazendo empréstimos de soluções externas sem uma profunda análise dos problemas reais da sociedade e por isso essas “soluções” de fora não apresentavam resultados significativos. Sendo assim o povo perdia a sua esperança, se entregando ao desânimo e desistindo de lutar por seus objetivos.

Paulo Freire (1967), afirmava que a esperança daquele povo só retornaria se este fosse capaz de se vê com seus próprios olhos, de se projetar e através da interação com o seu meio conhecer os seus verdadeiros desafios, para então pensar em caminhos possíveis para a resolução dos mesmos. De acordo com o educador, se o povo tivesse conhecimento da sua situação concreta, teria mais autoconfiança e com isso acabariam encontrando saídas para superar as suas dificuldades, portanto não precisariam entrar em desespero, o que nos remete àquele velho ditado: é mais fácil vencer uma luta quando se sabe exatamente com quem se está lutando.

Ao discorrer sobre o período de trânsito no Brasil, o autor levantará outro fator relevante, que impedia a passagem de uma sociedade fechada e alienada para uma sociedade aberta e democrática. Esse aspecto foi denominado de consciência intransitiva, que seria uma limitação na esfera de compreensão do indivíduo, centralizando seus interesses naquilo que é vital, ou seja, o indivíduo concentra suas forças na busca de sua sobrevivência ignorando o seu processo existencial. Essa consciência prevalece até os dias atuais em alguns povos de regiões mais atrasadas no país, na sua maioria áreas rurais.

É importante destacar no pensamento Freiriano a possibilidade do indivíduo desenvolver melhor o seu poder de captação e de compreensão daquilo que está a sua volta, com isso ampliando também sua capacidade de dialogar, passando de uma consciência intransitiva para uma consciência transitiva e seus interesses agora estariam além de sua esfera biológica (vital).

Esta transitividade da consciência permeabiliza o homem. Leva-o a vencer o seu incompromisso com a existência, característico da consciência intransitiva e o compromete quase totalmente. Por isso mesmo que, existir, é um conceito dinâmico. Implica numa dialogação eterna do homem com o homem. Do homem com o mundo. Do homem com o seu Criador. (FREIRE, 1967, p.59)

O sonho de uma sociedade democrática passava pela necessidade da mudança de uma consciência intransitiva para uma consciência transitivo-crítica, a qual não aconteceria espontaneamente, mas com um trabalho educativo voltado à reflexão do momento histórico vivido, principalmente o crescimento industrial, que trazia consigo um anseio de uma sociedade massificada, caracterizada pela domesticação.

Educar os indivíduos para o perigo da massificação era o objetivo daqueles que acreditavam na humanização do indivíduo e temiam que estes se transformassem novamente em objetos assim como era na sociedade fechada. Porém essa educação ameaçava os privilégios da elite que mantinham o seu poder através da imersão do povo no seu processo histórico, que vivia das práticas assistencialistas da classe opressora seguindo cegamente as suas prescrições.

Para deter a passagem da sociedade, de uma consciência ingênua para uma consciência crítica as elites tentavam resolver os problemas e insatisfação da população através de assistencialismos. Esses eram vistos pelos educadores da época de transição como uma forma de tornar o indivíduo incapaz, dependente do outro, dessa forma alienado e descomprometido com sua própria existência.

Ainda no período de crescimento industrial e desenvolvimento do país os déficits no setor da educação continuavam sendo alarmantes. De acordo com Freire (1967, p.101): *O número de crianças em idade escolar, sem escola, era aproximadamente 4.000.000, e o de analfabetos, a partir da faixa etária de 14 anos, 16.000.000, a que se junta à inadequação de nossa educação já referida.* Esse fato

evidenciava o descomprometimento dos governantes com a educação do país e impedia o desenvolvimento de uma consciência democrática.

Preocupado com esses números no quadro educacional do país, o educador Paulo Freire dedica a sua vida à educação de jovens e adultos em áreas proletárias, subproletárias, urbanas e rurais. Das suas experiências na alfabetização de jovens e adultos, a mais conhecida é o Movimento de cultura popular do Recife. A educação desses jovens se dava através de debates, onde os temas eram sugeridos pelos próprios educandos através da manifestação do seu interesse nas entrevistas que eram realizadas.

A alfabetização ministrada pelo educador partia do pensamento que o homem está no mundo e com o mundo, se relaciona mutuamente com ele, criando e recriando a sua história e construindo permanentemente o seu conhecimento. Importante ressaltar que essa relação é feita por todo e qualquer ser humano independente dele ser alfabetizado ou não. Portanto, o autor afirma que não há ignorância absoluta já que todo o indivíduo é capaz de se relacionar e interagir com o seu meio, tirando dele algum tipo de experiência que se transforma em um saber. Este mais aprofundado poderá ser considerado um tipo de conhecimento.

Para ilustrar esse pensamento pode se imaginar um homem do campo que prepara a terra para o plantio, mesmo sem conhecer as letras ele domina um tipo de ação que pode ser considerado um conhecimento que muitos acadêmicos não possuem. Então surge a questão será que um saber é mais importante que o outro? Já que os dois representam uma relação do homem com o seu meio.

O processo de alfabetização mediado pelo educador não tinha apenas o objetivo de desenvolver no educando a competência da leitura e escrita, mas de fazê-lo perceber e compreender o mundo que o cerca. Daí a importância de se educar a partir da realidade do indivíduo, valorizando suas experiências e trazendo sua vida para a prática educativa.

Diante desse fato irão surgir nesse método de alfabetização, algumas palavras significativas, trazidas pelos educandos que Freire irá denominar como temas geradores, pois é a partir dele que irá se desenvolver o próprio conteúdo da prática pedagógica. A palavra não deveria representar uma verdade inacabada, mas levantar conflitos para que pudesse provocar reflexão e conseqüentemente transformação.

O autor supracitado (1967) procurava se afastar daquela alfabetização mecânica que não leva a criticidade, mas a alienação do homem em relação ao mundo em quem vive. Criticava as lições que tratavam de coisas sem sentido ou fora do cotidiano dos

seus educandos. Incentivava uma educação que instigassem os indivíduos que causassem nele consciência e revolta da sua situação sendo capazes de reivindicar seus direitos.

O principal objetivo da pedagogia libertadora disseminada por Paulo Freire era o rompimento das bases de uma concepção bancária da educação e conseqüentemente a superação da contradição educadora- educando, onde o educador aparece como o guardião do conhecimento e o educando é colocado em um lugar de absoluta ignorância a espera da doação do educador. Essa concepção de educação pode ser considerada um instrumento de opressão da elite para dominar e manipular facilmente as classes populares, já que apesar de representar grande parte da população, ou seja, maioria, essas se percebem como seres pequenos incapazes de interferir e mudar sua situação de opressão.

O educador em uma de suas obras cita as características de uma educação bancária, as quais são:

O educador é o que educa os educandos o que são educados; o educador é o que sabe os educandos os que não sabem; o educador é o que pensa os educandos os pensados; o educador é o que diz a palavra, os educandos são os que escutam docilmente; o educador é o que disciplina, os educandos os disciplinados; o educador é o que opta e prescreve sua opção, os educandos os que se educam e seguem sua prescrição; o educador é o que atua, os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador; o educador escolhe o conteúdo pragmático, os educandos, jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele; o educador identifica a autoridade do saber com sua autoridade funcional, que opõe antagonicamente à liberdade dos educando; estes devem adaptar-se às determinações daqueles; o educador, finalmente é o sujeito do processo; os educandos meros objetos. (FREIRE, 1978, p.68)

Em oposição às características da educação bancária o autor sugere uma nova concepção de educação fundamentada no diálogo. Nesse sentido o autor apresenta a dialogicidade como essência da pedagogia libertadora, pois segundo o mesmo o homem constrói o seu conhecimento em comunhão com o outro e por isso é indispensável que se comuniquem. Porém o conceito de dialogicidade para Freire vai além de uma simples

conversa entre duas ou mais pessoas, para o educador o diálogo representa um processo constante da construção do ser humano.

1.2 O QUE É DIALOGICIDADE NA ESTEIRA DE FREIRE

De acordo com Freire (1978), o diálogo é um fenômeno humano e se revela através da palavra, a qual possui duas dimensões: ação e reflexão. A palavra não pode ser autêntica se não se tornar em práxis, da mesma forma que não pode ser reduzida a ação prescindindo a reflexão, pois se converte em ativismo, o qual sacrifica a reflexão negando a práxis verdadeira, logo não pode haver diálogo.

A palavra para o autor acima citado significa a pronúncia do mundo, a qual deveria problematizá-lo e depois de problematizado deveria ser modificado. Porém, para que houvesse transformação as palavras não poderiam ser falsas, portanto, elas deveriam ter como base a ação e a reflexão.

A dialogicidade é um pressuposto teórico da pedagogia libertadora, que implica na relação horizontal de A com B, onde ambos tenham o direito de pronunciar e por isso essa relação não pode ser um instrumento de conquista e nem de dominação de um homem para com outro. Essa relação também é conhecida como diálogo, porém em uma concepção bem mais complexa, pois, passa de uma relação simples para representar uma ação que se fundamenta em sentimentos e valores, sendo esses indispensáveis para a sua própria existência.

Portanto, de acordo com Freire (1978), o diálogo nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, e confiança. Por isso só o diálogo comunica. E quando os dois pólos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação.

Nesse sentido o diálogo é visto como uma atitude de confiança entre os homens e isso permite que ele aconteça, se um homem deixa de acreditar no outro, eles não podem se relacionar, sem relação não há comunicação e impossibilita o diálogo. Todavia a relação dialógica também representa um ato de amor, sendo ela um instrumento de respeito à verdade do outro além de não se encontrar na relação de dominação.

É preciso compreender a dialogicidade como oposto a todas as relações de poder que um indivíduo exerce sobre o outro, o que na pedagogia libertadora será chamada de

antidiálogo, representado por uma relação vertical, onde A fala para B caracterizada pelo desamor, arrogância, auto-suficiência e desesperança. Assim como o diálogo é um instrumento para libertar, o antidiálogo é um instrumento utilizado pela classe dominante para oprimir as classes menos favorecidas, ele está presente nos idealismos, nas imposições culturais apresentados pelos meios de comunicação e até mesmo no próprio ato de educar.

No contexto escolar a relação dialógica deve ser vista como parte essencial do processo de ensino aprendizagem, pois sem o fator da dialogicidade não é possível haver comunicação e, portanto, não pode existir educação.

A dialogicidade na prática educativa permite que o indivíduo passe da consciência ingênua para a consciência crítica através da palavra problematizadora. A palavra problematizadora por sua vez surge da realidade de cada indivíduo, também conhecida como temas geradores. De acordo com Freire esses temas representam as relações do homem com o mundo e a sua percepção do mesmo. Ao atuar no mundo o homem desenvolve a consciência da sua ação e é capaz de dividir o seu processo existencial em três partes: passado, presente e futuro, sendo capaz de projetar mudanças através da reflexão de experiências vivenciadas, ou seja, é um ser histórico em constante evolução, o que o torna diferente de outros animais.

Frente essa concepção acredita-se que os temas, que representam o círculo de cultura dos indivíduos não pode deixar de fazer parte ou ser considerado dentro do conteúdo programático trabalhado nas instituições. Nesse caso o diálogo entre educador e educandos não começa na sala de aula, mas no planejamento da aula, onde o educador se preocupará como desenvolver um diálogo a partir do conteúdo que vai ser estudado, ou seja, refletir como tornar o conhecimento significativo para o seu educando.

Para o educador- educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou imposição – um conjunto de informes a ser depositado nos educandos, mas a devolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo, daqueles elementos que este lhe entregou de forma inestruturada. (FREIRE, 1978, p.98)

De acordo com a citação supracitada o educador possui a responsabilidade de devolver as idéias e as palavras dos seus educandos de forma organizada e

sistematizada. Diante disso é possível perceber a relevância do educador na sala de aula, e a importância do seu prévio conhecimento a ser mediado com os educandos. É importante destacar o papel do educador na pedagogia libertadora para desmitificar o pensamento de que essa pedagogia reduz e desvaloriza o papel do professor, sendo esse secundário no processo de ensino-aprendizagem. Sobre esse assunto o autor Paulo Freire, em sua obra *Pedagogia da Esperança* afirma:

O diálogo entre professoras e professores e alunos ou alunas não os torna iguais, mas marca a posição democrática entre eles ou elas. Os professores não são iguais aos alunos por n razões, entre elas porque a diferença entre eles os faz ser como estão sendo. Se fossem iguais um se converteria no outro. O diálogo tem significação porque os sujeitos dialógicos não apenas conservam sua identidade, mas a defendem e assim crescem um com outro. O diálogo por isso mesmo não nivela, não reduz um ao outro. Nem é favor que um faz ao outro. (...) Implica, ao contrário um respeito fundamental aos sujeitos neles engajados, que o autoritarismo rompe ou não permite que se constitua. (FREIRE, 2006, p.168)

O trecho acima da obra de Paulo Freire deixa claro que a relação dialógica entre os sujeitos do processo de ensino aprendizagem, não anula a importância e nem a identidade dos mesmos. Sendo assim o diálogo contribui para o respeito e o crescimento de ambas as partes auxiliando na construção do conhecimento e tornando a prática pedagógica significativa.

O homem percebendo-se como ser inacabado e inconcluso está em constante busca do seu aperfeiçoamento sendo essa a raiz do processo educativo. Portanto, segundo Freire (1983) o homem deve ser considerado sujeito da sua própria educação e não objeto da mesma, já que está à procura de si mesmo, da sua humanidade. Em relação a isso o autor supracitado (1983.p.27) declara: *ninguém educa ninguém*.

De acordo com a citação acima, podemos compreender que estamos permanentemente nos educando, através da comunhão com os homens, que pode ser definida como diálogo. No próximo capítulo será iniciado um breve debate sobre a dialogicidade na relação educador-educando na prática educativa. Essa discussão será embasada na crítica da concepção bancária de educação feita pelo autor Paulo Freire.

2 ANÁLISE DA RELAÇÃO DO EDUCADOR – EDUCANDO NA ESCOLA PESQUISADA: UM DEBATE SOBRE A CONCEPÇÃO BANCÁRIA DA EDUCAÇÃO NOS DIAS ATUAIS.

Sabe-se que historicamente a prática educativa centrou-se na relação educador educando, porém a pedagogia libertadora, defendida pelo autor Paulo Freire surge para questionar os fundamentos dessa relação e tem por objetivo a superação da relação bancária entre os pares do processo de ensino-aprendizagem, que consiste na mera transmissão de conhecimentos.

O desiderato deste capítulo é analisar e discutir a relação entre professores e alunos na prática educativa escolar do Ensino Fundamental I (5º ano), em uma escola do município de Salvador, retratada na introdução deste trabalho. Essa análise será fundamentada nos pressupostos teóricos da pedagogia libertadora, no qual se destacará temas como: dialogicidade, autonomia e liberdade.

Por muito tempo a relação entre educadores e educandos no ambiente escolar foi caracterizada por uma narrativa, onde somente uma voz ecoa enquanto as outras vozes se calam para atentamente escutá-la. Diante disso a prática educativa deixa o seu caráter dialógico e se resume a um monólogo, representado por um longo discurso pronunciado somente por uma pessoa, que nesse caso seria o professor.

Freire (1978) denominou a prática pedagógica caracterizada pela importância de uma única fala, ou narração como educação bancária, em que o educador aparece como o detentor do conhecimento e os educandos como aqueles que nada sabem, comparados a recipientes vazios que devem ser cheios pelo saber dos educadores, essa relação torna o educador sujeito do processo de ensino aprendizagem enquanto, os educandos aparecem como objetos pacientes que por se colocarem em lugar de absoluta ignorância acreditam nada ter a acrescentar ao processo cabendo-lhes somente receber.

A transmissão de conhecimentos feita através da narração de uma seqüência de fatos desconectados da realidade dos educandos torna-se palavras vazias, discursos que são considerados pelo autor supracitado como verbosidade, que significa palavra alienante já que não pode ser transformada em ação e por isso não pode ser considerada como palavra verdadeira e melhor seria que não fosse pronunciada.

A palavra pronunciada pelos homens representa a sua interpretação do mundo, portanto, é no encontro através do diálogo que os homens fazem o seu mundo e os modificam daí a importância do direito a palavra, não podendo um indivíduo pronunciar

o mundo a outro sem permitir que este diga a sua palavra. Diante disso Freire (1978.p.93) declara: *Esta é a razão por que não é possível diálogo entre os que querem a pronúncia do mundo e os que não a querem. É preciso primeiro que os que se encontram negados do direito de dizer a sua palavra reconquistem esse direito.*

A concepção bancária da educação retira dos educandos o direito de pronunciar a sua palavra, tornando estes meros objetos do processo educativo, sendo assim só lhes restam serem meros ouvintes das longas dissertações dos seus mestres, esta configuração de educação estabelece entre as partes do processo de ensino aprendizagem uma relação de superioridade, onde os educandos são colocados como parte inferior.

Diante disso a prática educativa perde o seu caráter intrínseco de renovação, invenção, busca e inquietação para se reduzir a uma memorização mecânica, onde os educandos por não conseguirem fazer associações dos conhecimentos doados com a realidade vivida, estes encontram como saída à gravação e repetição das palavras acreditando que quanto mais memorizam, mais ampliam o seu conhecimento, mesmo sem perceber um sentido real no que estão pronunciando. Quanto a isto Freire (1978.p.66) exemplifica:

Quatro vezes quatro dezesseis; Pará, capital Belém, que o educando fixa, memoriza, repete sem perceber o que realmente significa quatro vezes quatro. O que verdadeiramente significa capital. Na afirmação Pará, capital Belém. Belém para o Pará e Pará para o Brasil.

O autor supracitado (1978) ao criticar essa concepção de educação, denuncia que esta não tem como finalidade o desvelamento do mundo pelo indivíduo, pois está a serviço da classe opressora, a qual não possui nenhum interesse na formação de uma consciência crítica pelos educandos. Portanto utiliza-se desse modelo de educação para domesticar a classe dos oprimidos, tornando-lhes dóceis a sua dominação e negando-lhes dessa forma a sua vocação ontológica de ser “mais”.

Por se colocarem na postura de meros receptores de informações de outrem, os indivíduos acabam por não reconhecer em si mesmo a sua vocação ontológica de “ser mais”, teoria defendida por Freire, que se explica na capacidade do homem em se humanizar, ser criativo e possuir poder de transformar o que está em sua volta, o que lhe diferencia de outros animais, além disso, também pode dimensionar o seu tempo em

passado, presente e futuro, sendo, portanto agente de mudanças e não seres para adaptação.

Conforme o parágrafo anterior, o homem como um ser que se modifica na sua relação com o mundo, se constitui como um ser inacabado que está em constante busca do aperfeiçoamento, daí então a razão da existência da educação, portanto esta não deve servir como adaptação do homem ao mundo, mas como um processo de desenvolvimento contínuo, onde o homem através do acesso ao conhecimento possa encontrar ferramentas para interferir de forma consciente no seu processo histórico tornando-se um ser melhor e com isso melhorando o mundo em que habita.

O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, interferidora na objetividade com que dialeticamente me relaciono meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas o também de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas objeto da história, mas, seu sujeito igualmente. No mundo da história, da cultura, da política constato não para me adaptar, mas para mudar. (FREIRE, 1996, p.77)

Uma educação que se mova a favor da libertação dos indivíduos deve conscientizar os mesmos quanto ao serviço e submissão da educação aos interesses da classe opressora. Portanto esse é o papel de um educador que se reconhece como agente de mudança social e que rejeita a prática bancária da educação, tornando-se assim participante do projeto de libertação que se inicia com o desenvolvimento de uma consciência crítica por parte da classe oprimida. Mas para que esse projeto seja possível é necessário uma nova concepção de educação. Uma educação fundamentada na humanização do indivíduo, em que o objetivo precípua seja o resgate da sua vocação ontológica de “ser mais”.

Sendo assim é válido ressaltar a importância do processo educativo como um fator contribuinte para evolução do ser humano, pois a educação cria possibilidades para a construção do conhecimento pelo homem, além de ampliar a sua relação com o mundo ajudando-o assim a tecer a teia do seu processo histórico.

Assim como o homem se modifica e transforma o que está em sua volta, com o passar dos anos os temas e conceitos que engendram a sua história também sofrem alterações e vão ganhando outros significados é o que pode se constatar em relação à

concepção bancária da educação na escola dos dias atuais. Apesar da ideologia bancária ainda ser predominante nas escolas contemporâneas, irão surgir novas formas, novos meios de orientar a prática educativa, porém sem alterar o velho conceito da práxis pedagógica, ou seja, um mero ato de transmissão de conhecimento e jamais como formação de um pensamento crítico.

Antes de iniciarmos esse debate é necessário situar nesse trabalho a escola que deverá ser analisada para desenvolver a discussão da prática educativa bancária nos dias atuais. Portanto, a escola analisada para a realização dessa pesquisa fica localizada em um bairro periférico, onde seus alunos são pertencentes á famílias de baixa renda, as quais convivem diariamente com a carência de bens materiais e luta ferozmente pela sobrevivência. Esses indivíduos fazem parte de cenários de extrema violência, marcados pelo tráfico de drogas e acostumam-se a cada dia a criar resistência a esses processos.

Diante do fato descrito acima pode se confirmar o ambiente escolar como um reflexo da sociedade, portanto, será um lugar onde se evidenciará a luta de classes travada pela mesma. Classes esta que Freire denominará como opressor e oprimido. De acordo com a descrição acima pode se perceber que os educandos da escola analisada representam a classe dos indivíduos subjugados pelos interesses da classe opressora que não tão coincidentemente tem os seus interesses resguardados pela educação escolar. Daí então a importância de perpetuar uma prática educativa que não ofereça liberdade de expressão e nem autonomia para os seus indivíduos. Diante do fato Freire (1978.p.69) mostra sua indignação: *Por isto mesmo que reagem até instintivamente contra qualquer tentativa de uma educação estimulante do pensar autêntico, que não se deixa emaranhar pelas visões parciais da realidade, buscando sempre os nexos que prendem um ponto ao outro.*

Sendo assim a escola se apresenta como um espaço de contradições, já que tem como finalidade a formação crítica do indivíduo, não importando a sua classe social, porém tem a sua ideologia na reprodução dos interesses da classe dominante. Logo por mais que sofra mudanças na sua práxis a sua essência continuará a mesma.

A partir da escola analisada pode se perceber que a pensamento de uma educação tradicional ainda prevalece. O professor na frente da sala, na outra parte da sala os educandos aparecem sentados em cadeiras enfileiradas todas voltadas para o professor. Essa estrutura traz a tona à concepção bancária da educação, representada pela superioridade do educador em relação aos seus educandos. Também mesmo que implicitamente retoma o discurso do educador como fonte total de conhecimento, onde

os educandos buscarão encher os seus recipientes, vazios. É interessante perceber que como uma simples forma ou organização de uma sala de aula pode perpetuar um pensamento ou uma ideologia por muitos e muitos anos.

A importância da disposição dos elementos na prática educativa para a configuração de uma concepção de educação fica clara na prática alfabetizadora de Paulo Freire, também conhecida como Círculo de Cultura, onde o educador se reunia em círculo com os seus aprendizes e ali eram discutidos assuntos que faziam parte do seu cotidiano, o que o autor chamava de leitura do mundo.

A organização de uma sala de aula em forma circular influencia aos educandos mesmo que de forma inconsciente, ao debate, ao diálogo geralmente quando um professor arruma sua sala em círculo, como é uma prática rara, imediatamente se subentende que será feita uma discussão sobre algum assunto, geralmente escolhido pelo próprio professor. A arrumação da sala em círculo possui um caráter dialógico, pois os indivíduos estão organizados de formas iguais, ou seja, não há ninguém no centro, todos estão naquele espaço com a mesma importância, agora a atenção não está mais focada no professor, mas dividida entre todos participantes do processo pedagógico.

Além da organização do espaço na prática educativa, há outros fatores que mesmo nos dias atuais revelam a preponderância da prática bancária da educação, isto pode ser confirmado através de um grave problema enfrentado pelas escolas públicas brasileiras Contemporâneas: o fracasso escolar principalmente da educação básica. Esse fracasso revela o baixo desempenho dos estudantes de escola pública, geralmente de baixa renda, em relação ao aprendizado dos conteúdos programáticos atribuídos a tal etapa de educação.

Esse problema pode ser associado a uma das denúncias da pedagogia libertadora contra a educação tradicional, que é a falta de conexão dos conteúdos programáticos com a realidade dos indivíduos, ou seja, a apresentação de conteúdos isolados, compartimentados sem nenhuma ligação com um todo e conseqüentemente sem nenhuma ligação com temas do cotidiano dos educandos. O que tornam esses conteúdos de difícil apreensão pelos mesmos levando-os a uma memorização mecânica, situação esta descrita no início do capítulo que se configura na gravação e repetição de palavras sem nenhum sentido real. Essa prática tem como conseqüência o fracasso escolar de crianças de baixa renda, o que acaba por confirmar a escola como um espaço de reprodução dos interesses da classe dominante.

Por outro lado, a escola, a pretexto de ser neutra, não aborda as questões que estão na base da existência das crianças, acima de tudo as crianças proletárias: os salários, as greves, o desemprego, as guerras coloniais. Tal escola transforma-se numa escola do silêncio para a criança, uma escola de morte: a escola torna-se estranha e distante e são os filhos do proletariado que mais duramente o sentirão, isto é, os que mais se expõem à reprovação e ao insucesso. (SNYDERS, 2005, p.77)

Em concordância com o texto acima Freire (1996) afirma que educar é um ato político e, portanto não existe neutralidade na prática educativa, por isso o autor chama atenção dos educadores que escondem a sua postura política com a desculpa de está sendo neutro, quando na verdade, muitas vezes até sem perceber, estão a serviço da classe opressora.

Isso se dá quando um educador insiste em depositar seus conhecimentos nos indivíduos, sem fazer nenhuma associação com as condições objetivas dos mesmos, quando renuncia o diálogo no processo pedagógico para impor o seu saber como verdade absoluta, enfim quando submete os indivíduos à domesticação, isto é, quando insiste em se pregar uma realidade estática na qual, a única alternativa que resta aos educandos é adaptar-se.

Em todos os seus escritos Paulo Freire faz uma crítica ferrenha a uma educação que não tenha significado para a vida dos indivíduos, afinal o educador percebia a educação como uma forma do povo oprimido conquistar a sua liberdade e emancipação. Porém isso não seria possível se a prática educativa não contemplasse as dificuldades e os desafios dos mesmos. O educador defendia a questão com propriedade, pois, tomava como base a sua prática na educação de jovens e adultos nas favelas do Recife, também conhecida como Círculo de cultura. Na sua prática alfabetizadora o autor rejeitava o ensino de palavras e frases vazias como: *Eva viu a uva*, o fato é relatado na sua obra *Educação como Prática da Liberdade* (1967, p.104).

Ao iniciar sua prática alfabetizadora Freire, contava com um questionário respondido pelos jovens, sobre sua situação presente e assunto que lhe interessavam como relata Freire (1967, p.103): “*Nacionalismo*”, “*Remessa de lucros para o estrangeiro*”, “*Evolução política do Brasil*”, “*Desenvolvimento*”, “*Analfabetismo*”, “*Voto do Analfabeto*” “*Democracia*”, eram entre outros temas que se repetiam grupo

a grupo. Essas palavras eram também chamadas de palavras geradoras. Com isto a alfabetização deixava de ser uma prática mecânica e passava a ser um importante passo para a emancipação dos educandos.

Tomando-se o exemplo de Freire, um educador humanista deve incentivar o pensamento autêntico dos seus educandos através da reflexão dos problemas que os cercam, contudo nos dias atuais onde os problemas sociais (desemprego, pobreza, violência) aparecem tão agravados, ajudando-os a desconstruir as respostas místicas e deterministas da realidade, ou seja, conduzir a prática educativa de modo que os indivíduos consigam desenvolver uma consciência crítica sobre si e sobre o mundo. Para isso é necessário que o educador renuncie a prática bancária da educação e recupere na sua prática educativa a crença nos homens viabilizada pelo diálogo, pois como declara Freire (1978) só pode existir diálogo quando se há confiança, amor e fé entre os homens.

O que nos parece indiscutível, é que se pretendermos a libertação dos homens, não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados. A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é mais uma palavra oca, mitificante. É práxis que implica ação e a reflexão dos homens para transformá-los. (FREIRE, 1978, p.70)

A partir da citação acima pode se concluir que uma educação libertadora não se faz com palavras ou belos discursos de libertação, mas através da ação, onde o primeiro passo que se impõem ao educador é superar a contradição educador-educando retomando o diálogo na prática educativa, reconhecendo que é possível aprender com os educandos enquanto estes aprendem com ele, sendo assim o papel do professor não se reduziria a uma mera transmissão de conhecimento, mas se ampliaria passando a ser o de criar possibilidades para a construção e produção do mesmo pelos indivíduos. Então aí sim poderíamos declarar a educação como prática da liberdade.

Quando Freire (1967) se expressa sobre a educação com prática da liberdade, nos permite compreender que ele se refere à conquista de uma educação em que o objetivo seja a formação de um pensamento autêntico pelos educandos, o qual lhes dará possibilidades de superar suas situações-limites e conseqüentemente estimular a emersão desses indivíduos no seu processo histórico.

Uma prática pedagógica no esforço de ser uma prática libertadora deve lutar pela retomada do diálogo na prática educativa, visando à superação da contradição educador-educando e contribuindo para a construção da autonomia pelo indivíduo. Considerando isto a buscaremos nesse trabalho encontrar os embates do diálogo na prática educativa das escolas públicas atuais, com objetivo de encontrar caminhos para a superação dos mesmos.

3 CONCEPÇÃO DOS PROFESSORES, DA ESCOLA PESQUISADA, SOBRE A DIALOGICIDADE NA PRÁTICA EDUCATIVA DA ESCOLA PÚBLICA.

Assim como foi retratado no primeiro capítulo dessa pesquisa os pressupostos teóricos da pedagogia libertadora defendidos pelo autor Paulo Freire ganhou visualização nacional e internacional e hoje o autor é visto como um patrono da educação brasileira. O seu nome é reverenciado em todas as Academias de educação e muitos projetos e pesquisas ainda são fundamentadas nas suas teorias. A pedagogia libertadora proposta por Paulo Freire tornou-se como um ideário educacional, no qual ano após ano profissionais da área de educação, principalmente pedagogos, se esmera para conseguir torná-lo realidade.

Contudo sem esquecer que a educação é um reflexo da sociedade, a qual ainda se apresenta dividida em duas classes: opressores e oprimidos. Realidade, qual o autor sempre evidenciou em suas obras, afinal que sentido teria construir uma educação que produza liberdade se todos estivessem livres?

Diante da idéia acima elencada se percebeu a importância para a riqueza e conclusão dessa pesquisa, o entrevistado com profissionais da área de educação, devido o seu contato direto com o nosso objeto de estudo. Para isso foi escolhida a Escola Municipal do Pau Miúdo, a qual já foi referida na introdução desse trabalho. Desse modo foi construído um questionário com nove perguntas, todas relacionadas à pedagogia libertadora e com enfoque no diálogo, essas tinham por objetivo contribuir como base para a discussão sobre os embates que se apresentam a dialogicidade, como essência da pedagogia libertadora, na prática educativa dos dias atuais. Importante ressaltar que os questionários estão anexados ao trabalho.

De acordo com as respostas dos questionários, todos os professores demonstraram ter pelo menos um conhecimento mínimo dos pressupostos teóricos da pedagogia de Paulo Freire e também apresentaram certa crença nas suas teorias. Uma resposta que chamou mais atenção sobre o educador e sua pedagogia foi de uma pedagoga, que relata: “Sim, ouvi muito sobre Paulo freire na Universidade”. Na verdade essa é uma resposta de muitos profissionais de educação que passaram por uma Universidade, porém o problema está em que essas teorias não conseguem sair das Universidades, ou seja, a teoria não consegue dialogar com a prática, o que acaba por torná-la uma utopia.

De acordo com Freire (1978.p.91): *Não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo.* Segundo o autor uma palavra ou teoria que não possa ser transformada em ação está a serviço da alienação, logo não pode contribuir para a formação de um pensamento autêntico pelos indivíduos.

Ainda de acordo com o pensamento do autor a palavra pode ser compreendida como a pronúncia do mundo feita pelos homens, a qual é viabilizada através do diálogo, este por sua vez se apresenta como caminho pelo qual os homens se encontram, se modificam e em comunhão transformam o mundo. Daí então a importância da dialogicidade como essência da pedagogia libertadora.

Considerando o que foi dito no parágrafo anterior com as respostas do questionário realizado todas as pedagogas entrevistadas, reconhecem a importância da dialogicidade na prática educativa e assumem uma concepção de educação concernente à pedagogia libertadora, para confirmar o fato observam-se as falas das pedagogas em resposta a pergunta sobre a importância da dialogicidade para a prática educativa:

O diálogo tem que está sempre presente entre professores e alunos. Partir da realidade do aluno faz a aula render muito mais. (professora A)

Importante, pois com a dialogicidade podemos melhorar sem dúvida a prática em sala de aula. (professora B)

Só através da dialogicidade se consegue chegar a uma prática rica com trocas. (professora C)

É importante porque dá maior sentido para o aluno aprender. É necessário que os conteúdos tenham significado para os alunos. (Professora D)

Acredito que a dialogicidade permite que o educando perceba seu poder de fala seu poder de expressar opinião e a partir daí, sinta-se preparado para participar ativamente do processo de ensino aprendizagem. (Professora E)

A educação deve ser feita dentro desse processo (diálogo). A afetividade leva ao envolvimento, comprometimento entre educador e educando. (professora F)

As declarações acima confirmam a relevância do pressuposto teórico de Paulo Freire para a prática educativa e para isso podemos destacar na fala das educadores dois pontos importantes para a categoria da dialogicidade que é: a troca de experiências entre educadores e educandos e a efetivação ou significação da prática pedagógica a partir da realidade dos indivíduos.

Contudo ao analisar as respostas das pedagogas da escola pesquisada, pode se perceber uma forte contradição entre teoria e prática no que se refere à relação entre educando e educadores na sala de aula. A partir da observação em sala de aula o que se percebe é uma longa fala dos educadores, enquanto os educandos quase não participam da aula, não falam de suas vivências, raramente emitem opiniões em fim se comportam como meros objetos do processo de ensino aprendizagem, o que se configura como um dos embates da dialogicidade na prática educativa.

O comportamento passivo dos educandos na sala de aula pode ser explicado pela visão deturpada que fazem de si mesmo, ou seja, não se enxergam como parte do processo de ensino aprendizagem e muito menos como sujeito de construção de conhecimento. Além disso, ainda há outro fator preponderante, para a passividade dos indivíduos, que é a escolha dos conteúdos programáticos de forma verticalizada, caracterizada também como antidialógica representada pela doação feita pelos que dominam o sistema educacional para aqueles que sofrem as determinações desse sistema. Por isso é possível considerar a antidialogicidade do sistema educacional como o principal embate (resistência) para dialogicidade na prática pedagógica das escolas públicas Contemporâneas.

A partir disso podemos compreender a instituição escolar como uma micro estrutura convivendo no interior de uma macro estrutura representada pelo sistema educacional, o qual é responsável pela ideologia, leis e toda organização do processo educativo. Dessa forma a escola está submetida às suas exigências, essas por sua vez representam os interesses de uma classe dominante. Quanto essa realidade Freire (1996.p.99) ataca: *Do ponto de vista dos interesses dominantes, não há dúvida de que a educação deve ser uma prática imobilizadora e ocultadora de verdades.*

Essa citação de Freire deixa explícito o motivo pelo qual a concepção bancária da educação ainda é predominante nas escolas públicas atuais. Considerando isto podemos compreender também a escolha dos conteúdos feita de forma verticalizada, denotando uma imposição. Em relação à verticalização do processo pedagógico Gadotti (1993, p.36) demonstra sua indignação: *... Até que ponto é legítimo, apesar das*

melhores intenções, os chamados especialistas dos órgãos centrais da Secretarias de Educação impor pacotes pedagógicos e fazerem experimentos pedagógicos com alunos e professores.

A citação supracitada de Gadotti vai de encontro ao pensamento Freiriano quando levanta o questionamento da imposição dos programas educativos como receitas prontas, muitas vezes sem levar em conta as condições objetivas da escola e do próprio educando, o que acaba por tornar a prática pedagógica estranha aos agentes do processo de ensino aprendizagem, resultando no fracasso da mesma. A partir dessa fala é possível concluir que, para o processo educativo obter êxito ele precisa corresponder aos anseios, curiosidades, desafios, medos e temores dos indivíduos em formação. Dessa forma o conhecimento produzirá reflexão e conseqüentemente será transformado em ação.

A educação autêntica repitamos não se faz de “A” para “B” ou de “A” sobre “B”, mas de “A” com “B”, mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia a uns e a outros, originando visões ou pontos de vista sobre ele. Visões impregnadas de anseios, de dúvidas, de esperanças ou desesperanças que implicam temas significativos, à base dos quais se constituirá o conteúdo programático da educação. (FREIRE 1978.p.98-99)

Apesar de a escola analisada trabalhar com um público infantil (Ensino Fundamental I) em que os indivíduos ainda não apresentam uma compreensão real do mundo que os cerca, o que os tornam incapacitados para estabelecer o seu programa didático, é certo que esses indivíduos possuem anseios, dúvidas e são movidos constantemente pela curiosidade, portanto é incontestável a inclusão desses fatores como fundamento para a construção de qualquer programa educativo.

Sabe-se que a antidualogicidade do sistema educacional apresentado nos parágrafos acima, contribui de forma preponderante para o não diálogo na prática pedagógica, por isso é necessário que os educadores que se dizem progressistas advirtam aos seus educandos quanto à ideologia desse sistema, não se deixando influenciar por essa concepção mecânica de educação. Porém para isso é preciso que se neguem a utilizar os mesmos recursos e instrumentos que de acordo com os pressupostos teóricos da pedagogia de Freire estão associados a uma concepção tradicional da educação.

Disto infelizmente parece que nem sempre estão convencidos os que se inquietam pela causa da libertação. É que envolvidos pelo clima gerador da concepção bancária e sofrendo sua influência não chegam a perceber o seu significado ou sua força desumanizadora. Paradoxalmente, então usam o mesmo instrumento alienador, num esforço que pretendem libertador. E há até os que usando o mesmo instrumento alienador, chamam aos que divergem desta prática de ingênuos ou sonhadores, quando não de reacionários”. (FREIRE, 1997, p.70)

Educadores que se comprometem verdadeiramente com o projeto de libertação, não podem aceitar a concepção mecânica da consciência e nem se conformar com a compreensão dos indivíduos como depósitos, aos quais são repassados o conhecimento, antes no esforço libertador devem incentivar uma educação problematizadora, fundamentada no diálogo e na relação do indivíduo com o mundo.

A prática educativa problematizadora, que tem como base a pedagogia libertadora, se realiza na superação da contradição educador educando, onde o conhecimento não é mais transmitido como receita pronta ao indivíduo, mas entregue como forma de desafio para que a partir de sua análise e estudo do objeto possa tentar encontrar uma resposta ou alternativas.

Contudo é importante ressaltar que é quase impossível pensar nessa perspectiva de educação fora do diálogo. Em consideração a isto tentamos encontrar nas respostas das educadoras os entraves que se impõem ao diálogo nas escolas públicas Contemporâneas, visando apresentar possibilidades para a superação dos mesmos. Para o problema acima obtivemos as seguintes resposta:

Diversos entre eles é a falta de respeito e indisciplina dos alunos. A perda dos valores na família e que são refletidos em sala. (professora B)

Disciplina e respeito, esperar sua vez para falar e respeitar a opinião do outro. (professora C)

A falta de limites na educação doméstica, de atenção e interesse na aula por parte dos alunos. (professora D)

... eles são muito inquietos, estão sempre brigando entre si e eu preciso passar o maior tempo da aula resolvendo conflitos.
(professora E)

A indisciplina, saber ouvir o outro. (professora F)

Como se pode perceber todas as respostas das professoras da escola pesquisada nos remetem a um tema chave para a discussão sobre as limitações do diálogo, na prática educativa nas escolas públicas Contemporâneas. Este tema é: indisciplina. No contexto da pedagogia libertadora, a qual se apresenta como referência desse trabalho, a indisciplina aparece como ajustamento ou adaptação ao mundo. Conceito este determinado pela classe opressora para impor o seu domínio sobre a classe oprimida.

Retomando a discussão do segundo capítulo vimos que a classe dominante se utiliza do serviço da prática bancária da educação, para assim domesticar os indivíduos, ou porque não, discipliná-los dentro de sua própria ordem. Ordem esta acusada pelo autor Paulo Freire (1996), iniciador da pedagogia libertadora, como desumana, pois diminui o indivíduo, subestimando sua vocação ontológica de “ser mais”, ou seja, seu poder de criação e de humanização.

Ao analisarmos o conceito de indisciplina ao longo do nosso processo histórico, pode se perceber que o tema vai se resignificando e agregando valores para si conforme cada demarcação histórica. Como o trabalho aqui apresentado tem como referência a prática educativa dos dias atuais é interessante compreendermos quais são os novos valores agregados ao conceito de indisciplina na prática pedagógica Contemporânea.

Groppa (1996) declara a indisciplina no espaço escolar Contemporâneo como um evento espasmódico, para isso exemplifica: *Turbulência e/ou apatia nas relações, confrontos velados, ameaças de diferentes tipos...* (1996.p.40). Com isso o autor denuncia o problema da indisciplina na prática educativa dos dias atuais, com uma dimensão que perpassa o âmbito pedagógico.

De acordo com o autor supracitado (1996) a leitura do fenômeno da indisciplina pode ser feita para além do espaço pedagógico, através de dois olhares distintos: um sócio histórico e outro psicológico. Ao fazer uma leitura sócio-histórica do problema ele vai explicar a indisciplina como uma força de resistência, pensamento que vai de encontro à pedagogia libertadora, o qual se explica na emergência de um novo sujeito

histórico na ordem escolar. Sujeito esse que traz consigo novos valores, novas demandas e que precisa ser absorvido plenamente pelo âmbito educacional.

Já referente ao olhar psicológico o autor apresentará o fator indisciplina como carência psíquica infra-estrutural, que deve ser assegurada antes mesmo da escolarização, sendo essa primordialmente de responsabilidade familiar. Importante ressaltar que essa denúncia também aparece nos relatos das pedagogas, quando questionadas sobre os desafios que se contrapõem ao diálogo na prática pedagógica.

A partir da carência psíquica infra-estrutural do indivíduo serão identificados vários fatores, que prejudicarão de forma grave o processo educativo, entre eles: agressividade, apatia, indiferença, desrespeito e falta de limites. Contudo é importante ressaltar que a escola não tem como assumir essa tarefa de estruturação psíquica sozinha, logo se torna imprescindível o diálogo entre família e escola, para que o processo de ensino aprendizagem possa ocorrer de modo efetivo.

A partir das visões apresentadas acima Aquino (1998) adverte que o evento da indisciplina como entrave do processo pedagógico pode estar associado à idealização dos alunos, feita pelos educadores, os quais não percebem seus alunos como seres concretos do momento histórico presente, este fortemente marcado pela democracia, antes criam imagens de seres submissos, temerosos e “disciplinados” assim como eram em outros períodos históricos.

Portanto, é necessário compreender que os tempos mudam e com isso a sociedade também se modifica o que certifica que estamos diante de uma nova geração que não aceita mais ficar em silêncio, que não aceita regras como práticas incontestáveis enfim é uma geração que clama pela liberdade e não aceita ser regida pelo medo, coerção e punição como era antes.

É preciso conceber que com o advento da democracia irá surgir um novo sujeito histórico conseqüentemente uma nova geração de alunos e isso implicará em mudanças no processo pedagógico inclusive na relação entre professor-aluno, a qual outrora estava bem definida. *O primeiro um general de papel; o segundo, o soldadinho de chumbo.* Aquino et. al (1996.p.43). Contudo o problema que se apresenta nas escolas atuais é que apesar de se vivenciar um período histórico democrático, a prática educativa ainda insiste em continuar pautada nos padrões de um período histórico onde prevalecia o medo, a coerção e a punição.

Ao nos depararmos com essa nova geração ou esses novos “alunos” nos conscientizamos que precisamos de novos educadores. A esses novos educadores cabe

Pires (1999); resgatar o passado, mas também estar aberto às novas possibilidades aos novos conceitos e valores emergentes, que vão surgindo a partir das novas configurações da sociedade, isto relacionado ao aspecto político, social e econômico, enfim cabe aos educadores construir o processo pedagógico numa visão dialética.

Sem essa compreensão dialética do processo pedagógico, os educadores continuarão a apresentar conteúdos sem aprofundamento, sem clareza de objetivos, sem relação com o todo, o que de alguma forma continuará resultando na insatisfação dos seus educandos. O que acreditamos a partir da pesquisa em conclusão, ser um dos principais fatores para a indisciplina nas escolas públicas Contemporâneas.

Para uma melhor compreensão do conceito de indisciplina como resistência à adaptação do indivíduo a uma ordem imposta por uma classe privilegiada, podemos retornar ao advento da concepção bancária da educação, quando Freire afirma que tem como objetivo domesticar, apassivar e tornar os educandos dóceis à dominação de uma classe opressora.

E porque os homens nesta visão ao receber o mundo que neles entram, já são seres passivos, cabe a educação apassivá-los ainda mais e adaptá-los ao mundo. Quanto mais adaptados, para a concepção “bancária” tanto mais “educados”, porque adequados ao mundo. (FREIRE, 1978, p.72)

O termo “educados” na citação acima, o qual aparece destacado entre aspas, pode ser substituído pelo termo disciplinados, sem alteração do sentido do texto, já que o mesmo fala que quanto mais o indivíduo se encontra adaptado ou adequado ao mundo, mais ele pode ser considerado um indivíduo “educado”, ou seja, que vive de acordo com as regras impostas por uma educação, que tem por objetivo a acomodação e não a transformação.

A partir das análises do termo indisciplina, apresentadas acima, e pela fala das pedagogas podemos compreender o problema como um forte embate para a dialogicidade no processo pedagógico. Porém é importante ressaltar que o evento da indisciplina nada mais é que os desdobramentos da antialogicidade do sistema educacional, essa retratada com nitidez no início do capítulo. Portanto cabe aos educadores possuir um olhar crítico do problema, procurando situá-lo no tempo

presente, buscando assim encontrar caminhos que possibilitem a retomada do diálogo na prática educativa. Contudo sabe-se que essa conclusão não torna o problema solucionável, e nem se propõe a isso, o que pretendemos nesse trabalho é encontrar alternativas teóricas e práticas para a efetivação da dialogicidade, como prática libertadora no processo educativo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O homem como seres dotados de inteligência o que os difere das plantas e dos animais está em movimento de constante busca, essa busca se traduz na procura insaciável pelo conhecimento de si próprio, já que consciente do seu inacabamento e inconclusão acaba por iniciar uma longa jornada, que durará por toda vida, em busca de aperfeiçoamento.

A busca constante pelo aperfeiçoamento da natureza humana é o que tornará possível a educabilidade do ser humano, pois o processo educativo se apresentará como caminho ou possibilidade para encontrar as respostas das suas curiosidades e indagações, porém é preciso ressaltar que no ato de realização dessa busca ele deixa de ser objeto desse processo e passa a ser sujeito do mesmo.

Contudo é importante ressaltar que essa busca deve ser feita em comunhão com outros homens que também estão em busca da sua significação quanto homem, daí entendemos a importância do diálogo como caminho pelo qual os homens se encontram pronunciam o mundo e o transformam.

Compreendemos então que essa busca constante do homem em conhecimento de si próprio e do mundo em que os cerca é a raiz do processo educativo. Porém é interessante ressaltar que o homem não aprende para se adaptar, mas, para mudar. Portanto a finalidade do processo educativo deve implicar em oferecer-lhes condições e criar possibilidades para a sua intervenção no mundo.

A partir dessa referência do processo educativo, elegeu-se a pedagogia libertadora como subsídio do trabalho apresentado, porém devido à escassez de tempo para a realização do trabalho foi escolhido uma categoria dentro da pedagogia libertadora, que foi a dialogicidade. Daí então se explica o porquê de toda pesquisa, que foi apresentada defender o diálogo como fundamento de uma educação como prática da liberdade.

Portanto a partir da análise desses três capítulos, concluiu-se que os embates que se impõem a dialogicidade na prática educativa perpassam o âmbito pedagógico, já que esses entraves estão de alguma forma centrados na ideologia do sistema educacional, configurado, através das leis e organizações que regem a instituição escolar. Essas que por sua vez apresentam características antidialógicas e são estruturadas por uma classe privilegiada.

A partir desse desvelamento do sistema educacional como antidialógico, toda sua estrutura e organização irão favorecer a antialogicidade, daí que a teoria não consiga se transformar em práxis, pois influenciados por uma concepção de educação determinante desse sistema, educadores e educadoras não conseguem se desvencilhar dos recursos e instrumentos associados a uma concepção tradicional da educação, o que acaba sendo outro embate para a dialogicidade na prática pedagógica.

Do outro lado desse embate aparecem os educandos que despossuídos da sua vocação ontológica de ser mais, incorporaram uma percepção de si mesmo, como meros objetos do processo de ensino aprendizagem, que resultará na negação de qualquer tentativa ou esforço em se projetar como sujeito do seu processo histórico, daí então pode se compreender a falta de interesse e aliado a outros fatores a questão da indisciplina, eventos esses relatados por muitos educadores e inclusive é confirmada nessa pesquisa.

Contudo é preciso pensar que a mudança é possível e como educadores, conscientes do nosso papel social não devemos nos conformar com essas constatações, mas que esta seja o ponto de partida para a nossa caminhada em busca de uma educação mais humana e mais transformadora.

Que estejamos conscientes da nossa função de ensinar, porém não como um ato de transmissão dos saberes aprendidos, mas como a função de construir pontes que leve ao indivíduo a construir o seu próprio conhecimento. Também da mesma forma não vamos somente manter esse discurso progressista de não transmissão, mas testemunhá-lo dentro da nossa sala de aula, estando aberto às indagações, perguntas e curiosidades dos nossos educandos, estimulando a formação de um pensamento crítico.

Considerando essa perspectiva educandos e educadores ensinariam e aprenderiam juntos, pois haveria uma sincera troca de experiências, possibilitadas pela valorização do conhecimento trazida por ambos para o processo pedagógico.

Considerando isto a educação deixaria de ser mecânica e então passaria a ser problematizadora, os conteúdos agora não são mais doações, mas se impõem aos indivíduos em forma de questões, desafios que conduzam ao educando à reflexão e conseqüentemente a ação, que representa a sua intervenção no mundo.

Concluí se então que as escolas Contemporâneas e os educadores Contemporâneos precisam perceber na educação problematizadora uma alternativa para encaminhar a prática pedagógica de maneira significativa para os seus educandos, apresentando os problemas vividos pela sociedade atual (fome, pobreza, desemprego,

violência e outros) em forma de questionamento para os indivíduos, despertando assim uma curiosidade e também a necessidade de encontrar uma resposta para o problema que agora não está mais no livro, no caderno ou no quadro, mas materializado em sua vida em seu cotidiano.

Porém para isso é necessário que educadores que façam parte do projeto da libertação descubram um novo olhar sobre os problemas ou dificuldades da prática educativa, como é o caso da indisciplina referido nesse trabalho, que percebam esses eventos como um suspiro por uma educação mais humana, menos abstrata, que trabalhe com seres concretos, que essas dificuldades sejam vistas como um grito da alma dos educandos, por uma educação que lhes ofereça possibilidades ou condições de interferir em sua realidade de opressão e dor.

Mediante as conclusões apresentadas nos parágrafos acima, finalizo esse estudo monográfico, considerando a pesquisa como um primeiro ensaio de uma produção científica, sendo assim destacando a minha inexperiência como pesquisadora. Porém é importante ressaltar que o trabalho suscitou um processo de amadurecimento intelectual e com isso despertou novos temas que posteriormente poderão ser apresentados em novas produções.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÃO, Isabel, et. Al. **Escola reflexiva e nova racionalidade/** organizado por Isabel Alarcão. - Porto alegre: Artmed Editora, 2001.

AQUINO, Julio Groppa, et. al. **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas** / Organização Júlio Groppa Aquino. – São Paulo: Summus, 1996.

_____. **A indisciplina e a escola atual.** In Revista da Faculdade de Educação. V.24, n.2. São Paulo. july/dec. 1998. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-25551998000200011>. Acesso em 08 de março de 2013.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança.** 12ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 36.º ed. São Paulo. Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 36ª ed. Rio de Janeiro. Paz e terra, 1978.

_____. **Pedagogia da esperança:** um reencontro com a pedagogia do oprimido. 16. Ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2006.

_____. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1967.

_____. **Pedagogia da indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. **A educação na cidade** / Paulo Freire: prefácio de Moacir Gadotti e Carlos Alberto Torres; notas de Vicente Chel. - São Paulo: 1995.

_____. **Ação Cultural para a Liberdade:** outros escritos. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1976.

GADOTTI, Moacir. **Escola Cidadã.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 1993.

_____. Perspectivas atuais da educação. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 2000.

_____. Moacir. Concepção dialética da educação. 15 ed. São Paulo. Cortez. 2006.

KILPATRICK, William Heard. **Educação para uma civilização em mudança;** tradução da Profª. Noemy S. Rudolfer. – 16. Ed. – São Paulo: Melhoramentos; [Rio de Janeiro] : Fundação Nacional de material Escolar, 1978.

PIRES, Dorotéia Baduy. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola.** In Revista da Faculdade de educação. Vol. 20, n 66. Campinas. Apr. 1999. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73301999000100009>. Acesso em 23 de março de 2013.

SNYDERS, Georges. **Escola, classe e luta de classes** / George Snyders; (tradução Leila Prado). – São Paulo: Centauro, 2005.

_____. Georges. **Alunos felizes: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários** / George Snyders; tradução Cátia Aida Pereira da Silva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

SOUZA, Maria Helena Patto, et. Al. **Introdução à psicologia escolar/** Organização Maria Helena Souza Patto. - 3. ed- São Paulo: Casa do Psicólogo,1997.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola.** São Paulo: Libertad, 1994.

ANEXOS

**QUESTIONÁRIO PARA OS DOCENTES DA ESCOLA MUNICIPAL DO PAU
MIÚDO REFERENTE AO OBJETO DE ESTUDO DA PESQUISA APRESENTADA**